

Clarice às claras - “*mas nem tanto*”

Tânia Dias Mendes

... Eu escrevo e assim me livro um pouco de mim e posso então descansar¹

Clarice Lispector

Clarice Lispector não gostava de falar de si, e nem de sua criação ela simplesmente escrevia. Ficava irritada quando alguém tentava dar alguma interpretação de seus escritos, principalmente a dos críticos literários, pois ela mesma dizia: “*Estou com a impressão que ando me imitando um pouco. O pior plágio é o que se faz de si mesmo*”². Poderíamos dizer que esta imitação a qual ela se referia seria da ordem do que não cessa de não se escrever? Seria da ordem da repetição? Lacan no seminário da Identificação, vai chamar nossa atenção no que diz respeito aquilo que repete, *na incidência como tal da função do significante*.

Os seus dois últimos livros, UM SOPRO DE VIDA e A HORA DA ESTRELA, foram escritos movidos por esse espírito de indagação, e os considero como um divisor de águas, em que seus personagens ficcionais se mesclam e se movimentam entre lugares, o de seu Criador e o de sua criatura. O que caracteriza estes dois livros é o aparecimento do autor como personagem, e da personagem criada pelo autor que, na verdade, são palavras da Clarice: “A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique”³.

O autor dá vida aos seus personagens, mas também deve decidir como se desfazer deles, de suas vidas. A indagação sobre a vida e a morte está muito claramente colocada nestes dois últimos livros, assim como sem o saber, atravessava a espreita de sua própria morte.

A experiência de saber da psicanálise é este saber que emerge em ato. E como colocá-lo numa escrita que possa ser transmitida, já que no mesmo instante do seu aparecer, há o desaparecer? Como poder representar o irrepresentável? Um viés seria pela criação literária e é talvez esta a escolha de Clarice.

Freud marcou, com infinito respeito, que não pretendia destacar da criação artística aquilo que constituía o seu verdadeiro valor de criação. Contudo, ao estudar Leonardo da Vinci, ele procurou achar a função que teve em sua criação sua fantasia original.

E, é cortando e recortando alguns escritos de Clarice que intenciono a-bordar esta experiência de saber, e que ela sabia fazer admiravelmente bem com sua arte.

– Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? Esgotaram os significados. Como surdos e mudos comunicamo-nos com as mãos. Eu queria que me dessem licença para escrever ao som harpejado e agreste a sucata das palavras. E prescindir de ser discursivo. Assim poluição.⁴

Ler Clarice Lispector é uma experiência inquietante e nos deixa, no mínimo atônitos, às vezes, sem vontade de continuar lendo; em outras, somos tomados pelo riso e pela graça na composição de suas palavras. Existe em sua construção literária uma diversidade enorme de sentimentos, de sensações. Escreve quase por pura necessidade, como se fosse a alimentação de sua vida.

Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos, pois neles vivemos⁵ [...] Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever.⁶

Seus escritos são a partir das coisas simples do cotidiano e, ao mesmo tempo, é de uma sofisticação nas sucatas das palavras, que nos remete ao sensual e a um despojamento quase mortífero. Muitas vezes somos surpreendidos pelas suas ciladas e arranjos no transitar da vida do personagem, como o destino dado a Macabéa, personagem de *A Hora da Estrela*:

Macabéa, aconselhada por Gloria vai consultar a cartomante, dona Carlota. E esta logo acerta ao falar de seu passado, de seu presente, e lhe dá a boa nova quanto ao seu futuro, casará com um homem estrangeiro e rico. Então, ela sai da consulta, bêbada de esperança:

Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras- desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro... Se ela não era ela mesma, isso significava uma perda que valia pelo ganho. Assim como havia sentença de morte a cartomante decretara sentença de vida... Ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino sussurrou veloz e guloso: É agora e já, chegou a minha vez!⁷

E, ela encontra o seu destino, um caminhão Mercedes de cor amarela, que a pegou e a jogou no meio fio, e de sua cabeça escorre um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico.

Clarice inventa-se a cada escrita, algo da invenção de um Criador, mas para aqueles que a lêem, os efeitos de seus escritos, pelo contrário, são muitas vezes tomados por angústia, ou pode ter efeito aplacador como uma metáfora. Como neste caso, um engano da cartomante, e a morte de Macabéa, uma morte já anunciada desde o início, mas morreu feliz, grávida de futuro.

No livro *Um Sopro de Vida* – ela não viveria para vê-lo publicado. Quando morreu, havia vários fragmentos desse escrito que Olga Borelli estruturou em forma de livro. Podemos perguntar: será que esta obra póstuma, soa incompleta? Será que era isso mesmo que Clarice queria? *Um Sopro de Vida* como outras de sua obra, atinge “essa harmonia preciosa e precisa entre a expressão e o fundo”⁸, que nos comove e nos assombra. Mas uma peça pregada por Clarice.

Escreve desde criança. Uma vez foi solicitada para escrever contos em um jornal de Recife. Eles nunca foram publicados, o que a fez pensar porque era em função de que suas histórias nunca começavam por: Era uma vez... Continuou assim durante toda sua obra, e seus contos tem algo em seus escritos que nos aproximam do real e, neste livro *Um Sopro de Vida*, ela antecipou o que pretendeu ao escrevê-lo:

Este ao que suponho será um livro feito aparentemente por destroços de livro. Mas na verdade trata-se de retratar rápidos vislumbres meus e rápidos vislumbres de meu personagem Ângela. Eu poderia pegar cada vislumbre e dissertar páginas sobre ele. Mas acontece que no vislumbre é às vezes que esta a essência da coisa⁹ [...] Minha vida é feita de fragmentos e assim acontece com Ângela.¹⁰

No ano 1974, ela parou de escrever para pintar, “enjoada mesmo de literatura”.¹¹ Seus quadros seguem a mesma tensão entre o real e o inventado, dito por Moser: “Ao se permitir seguir as nervuras da madeira sobre a qual pintava, ela ao mesmo tempo cobre a superfície e chama atenção para a realidade desta, e portanto para a artificialidade de sua própria criação.”¹²

Quando interrompe por um tempo sua escrita incessante e faz a opção pela pintura, privilegia o olhar e, como diz Lacan, “... *no campo escópico, o olhar está do lado de fora, sou olhado, quer dizer, sou quadro*”¹³... ”é de uma espécie de desejo ao Outro que se trata, na extremidade do qual está o dar-a-ver.”¹⁴

Em *Um Sopro de Vida*, ela traz este viés da pintura, principalmente, quando confecciona seus personagens como pintura, pela imagem, textura, luz, sombra, aspereza da superfície; tenta os recursos do imaginário da consistência para compor seus personagens. Há um entrelaçamento entre o imaginário, simbólico e real.

Meu ideal seria pintar um quadro de um quadro”¹⁵ diz o personagem Ângela em *UM SOPRO DE VIDA*. Ela é pintora e foi criada pelo Autor, como se fosse um quadro de um quadro, vindo do lado do olhar de Clarice. Também Lacan, no Sem. XI, dirá: “É a esse registro do olho como desesperado pelo olhar, que devemos chegar para sacar a ação pacificadora, civilizadora e encantadora da função do quadro.”¹⁶

Poderíamos dizer que Clarice sem o saber colocava uma borda, um enquadre de moldura delimitando um litoral onde pudessem depositar seus restos, suas sucatas de palavras?

As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactite, rendas, música transfiguradas de órgão. Mal ousa clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contra tom o baixo grosso da dor...¹⁷ O fato é um ato? ... Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura.”¹⁸

Clarice é sempre atravessada pela inquietante indagação:

Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz o conteúdo. Escrevo, portanto não por causa da nordestina, mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por “força de lei”.¹⁹

Parecia uma força maior que ela mesma, não procurava o sentido e nem tão pouco o significado das palavras, simplesmente escrevia.

Eu sei falar uma língua que só meu cachorro, o prezado Ulisses, meu caro senhor entende. É assim: dacobela, tutiban, ziticoba, letuban. Joju leba, leba jan?Tutiban leba, lebajan. Atotoquina, zefiram.Jetobabe?Jetoban. Isso quer dizer uma coisa.²⁰

Lacan no Seminário da Identificação diz que sua Justine fala:

Minha cadela esta em busca de meus signos, portanto ela fala. E por que sua fala não é uma linguagem? Porque eu sou pra ela algo que lhe pode dar signos, mas que não pode lhe dar significantes. A distinção entre fala(parole), como ela existe no pré-verbal, e a linguagem, consiste justamente nessa emergência da função do significante.” (S. Identificação p. 65).

Clarice assim como Lacan não faz questão de ser compreendida, no sentido de ao pé da letra:”Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras- quais? Talvez as diga.”²¹

Em 1977, em sua única entrevista diante das câmeras, pouco antes de morrer, diz: “... Quando eu não escrevo estou morta, este tempo de espera, de intervalo entre uma obra e outra, tempo necessário para esvaziamento da cabeça, é muito difícil.”

O ato de escrever para Clarice, talvez fosse da ordem do vital, um ato de vida. Mas sabemos que tem algo que não se representa, há um ponto de fuga, que ela, como criadora, persiste em per-correr.

Lacan, em *A Instância da Letra*, traz a questão da dimensão do álibi:

eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento: penso naquilo que sou lá onde não penso pensar. Esse mistério de duas faces liga-se ao fato de que a verdade só é evocada na dimensão de alibi pela qual todo realismo na criação retira da metonímia sua virtude e ao fato de que o sentido só fornece seu acesso nos dois ramos da metáfora, quando se tem a chave única de ambos.²²

Clarice, principalmente em *Um Sopro de Vida*, constrói uma teia que vai sendo tecida pelo diálogo do autor e de Ângela, como um trançamento da própria Clarice, no aparecer e desaparecer dos personagens. Seria um saber da invenção, na tessitura da letra? E a letra é o que se lê.

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Perigo de mexer no que está oculto- e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio... Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.²³

Pedra que faz furo no espelho d'água, formando infinitas ondulações que em seguida vão se apagando, se apagando até sumirem. Não temos mais nenhum vestígio das ondulações, e nem tão pouco da pedra, só há a possibilidade de rememorá-las. Efeito de real, no instante de seu desaparecer.

Clarice sem plágio e às claras, se apresenta como um quadro e se lança tocando o real. Ela mesma dizia: “quero escrever movimento puro” e é neste movimento que constrói sua escrita, sua arte. Eduardo Vidal diz: “Do real aproxima-se, sem tocá-lo. Alcançar indica o movimento de chegar até o real. É o modo de fazer do real escrita, o que não implica fazer da escrita este real.”²⁴ E, Clarice soube fazer como ninguém esta arte.

Notas e Referências Bibliográficas

- ¹ - LISPECTOR, Clarice- *UM SOPRO DE VIDA*, Rocco, Rio de Janeiro, 1999 ,p.21.
- ² - Idem. p. 34.
- ³- LISPECTOR, Clarice- *A HORA DA ESTRELA*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998, p.11.
- ⁴ - LISPECTOR, Clarice- *UM SOPRO DE VIDA*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998, p.14.
- ⁵ - Idem p.13
- ⁶ - Idem p. 16
- ⁷ - LISPECTOR, Clarice- *A HORA DA ESTRELA*, Rocco, Rio de Janeiro, 1998, p. 79
- ⁸ - MOSER Benjamin- *CLARICE*, São Paulo, COSAC NAIFY 2009, p. 515
- ⁹- LISPECTOR, Clarice- *UM SOPRO DE VIDA*, ROCCO, Rio de Janeiro, 1999, p. 19.
- ¹⁰ - Idem. p. 20.
- ¹¹ - MOSER Benjamin, *CLARICE*, São Paulo, COSAC NAIFY 2009, p. 511.
- ¹²- Idem p. 518.
- ¹³ LACAN, Jacques- *OS QUATROS CONCEITOS FUNDAMENTAIS- SEMINÁRIO XI*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1988, p. 104.
- ¹⁴ - Idem p.111.
- ¹⁵ - LISPECTOR, Clarice- *UM SOPRO DE VIDA*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999, p.53.
- ¹⁶- LACAN , Jacques- *OS QUATROS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE, SEMINÁRIO XI*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1998, p. 112.
- ¹⁷ - LISPECTOR, Clarice- *UM SOPRO DE VIDA*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999, p. 16.

¹⁸ -- Idem p. 17.

¹⁹- LISPECTOR, Clarice- A HORA DA ESTRELA, ROCCO, Rio de Janeiro, 1998, P. 18

²⁰- LISPECTOR, Clarice- UM SOPRO DE VIDA, ROCCO, Rio de Janeiro, 1999, p. 60 e 61.

²¹- Idem, p. 15.

²²- LACAN, Jacques- ESCRITOS, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, Ed. 1998, p. 521.

²³- LISPECTOR Clarice,- UM SOPRO DE VIDA, Rocco, Rio de Janeiro, 1999, p. 15.

²⁴- VIDAL Eduardo- DO REAL, O QUE SE ESCREVE? Um dispositivo em que o real alcance o real- Revista da Letra Freudiana, Rio de Janeiro, 2009, p. 37.